

Superar as burocracias sindicais para *retomar os sindicatos* como instrumento histórico de luta dos operários!

 Permanece o quadro geral no campo sindical dos últimos anos, de um lado, há a disposição dos trabalhadores em reagir aos ataques sofridos, principalmente sobre os seus salários e direitos; de outro lado, as direções sindicais burocráticas e governistas tentam a todo custo conter e desviar esta disposição de luta para a pressão parlamentar e para as eleições.

Os sindicatos, que surgiram no capitalismo como uma autêntica criação do proletariado, de instrumentos de frente única e resistência contra os excessos do patronato e os seus governos foram transformados em aparatos extremamente burocratizados para defesa dos governos e aplicação da política burguesa, abandonando completamente as reivindicações imediatas e mais sentidas pelos assalariados.

Apesar de burocratizados, os



sindicatos continuam sendo um importante canal de mobilização dos explorados. Nos momentos de acirramento da luta de classes, os assalariados buscam a unidade em um organismo de frente única. Assim, coloca-se necessário a organização das frações revolucionárias nos sindicatos para, por meio da defesa e aplicação da democracia operária, impulsionar a luta em defesa das reivindicações imediatas e os métodos correspondentes, as assembleias, para-

lisações, greves e ocupações.

Neste percurso, será necessário retomar as formulações do período de ascenso das lutas grevistas dos anos 70 e 80, que foram gravados nas primeiras resoluções congressuais da CUT e abandonadas nas décadas seguintes pelas direções sindicais que tomaram o caminho da estratégia democratizante e do eleitoralismo, como a bandeira de direito de greve irrestrito, ação direta das massas, fim do imposto sindical (inclusive sob a nova roupagem de taxa negocial ou taxa assistencial) e da intervenção estatal (dos governos e do judiciário) no movimento sindical, etc. Bem como vincular a luta em defesa das reivindicações imediatas com a defesa da superação do capitalismo, projetando a luta em defesa da revolução proletária, do governo operário e camponês, e do socialismo! 

PARAR OS PORTOS PARA PRESERVAR OS EMPREGOS E DIREITOS DOS TRABALHADORES PORTUÁRIOS AVULSOS (TPA'S)

 O projeto de lei 733/2025 está tramitando na Câmara Federal. Se for aprovado e promulgado, os trabalhadores portuários avulsos (TPA's) perderão a exclusividade do trabalho dentro dos portos públicos, ficando sem emprego ou subempregados e precarizados.

Ao mesmo tempo em que os patrões atacam duramente os avulsos, as direções dos sindicatos da Estiva, Arrumador e Conferentes de Carga, bem como as respectivas federações, insistem na pressão parlamentar para reverter os ataques. A experiência da classe operária das últimas décadas evidencia que canalizar a luta para o parlamento é o cemitério das lutas, já que por este caminho a derrota é certa.

A força dos trabalhadores portuários não está na pressão parlamentar ou nas eleições, está na força coletiva da categoria para parar os portos, por onde passam 95% das exportações do país. Se os avulsos não avançarem na luta e assumirem os métodos da ação direta (assembleias, paralisações, bloqueios, ocupações, manifestações e greves) terão seus direitos conquistados a duras penas e lutas rasgados pelo patronato.

- **Que se convoquem as assembleias para organizar a luta!**
- **Superar a pressão parlamentar e organizar a greve nos portos!**
- **Em defesa do direito irrestrito de greve!**

Terceirizados da Sudamin denunciam ataques do patronato

Basta de divisionismo! Unidade efetiva de contratados e efetivos para defender os direitos, salários e empregos!

 Os trabalhadores terceirizados da Sudamin, que prestava serviços para a Transpetro, denunciaram que a empresa se nega a pagar-lhes os acertos pela rescisão dos contratos. Esse é o retrato dos efeitos da terceirização sobre os trabalhadores, que labutam o dia todo por um salário miserável e, quando demitidos, sequer a empresa

lhes garante o que lhes corresponde. As empresas terceirizadas podem abusar dos operários porque também as direções sindicais não organizam a luta coletiva para impor às empresas terceirizadas que cumpram suas obrigações com os trabalhadores que os enriqueceram.

No boletim Operário Internacionalista nº 19, de março, denunciamos a situação dos terceiriza-

dos da Refinaria Gabriel Passos (REGAP/MG).

Agora, denunciamos os ataques contra os terceirizados da Sudamin. Cada nova denúncia demonstra a necessidade de defender esses companheiros que, como os efetivos, são parte da organização coletiva do trabalho. Por isso, defendemos se convocarem às assembleias unitárias de efetivos e terceirizados para apro-

var um plano de luta e as greves, ocupações, bloqueios, mobilizações de rua, piquetes etc., para impor aos patrões as bandeiras de: 1) efetivação e estabilidade a todos os contratados da Petrobras; 2) "a igual trabalho, igual salário"; 3) salário mínimo vital (que segundo o DISSSE é de R\$7.500, aproximadamente). A classe operária é uma só, e também deve ser nossa luta! 

77 ANOS DE CONTÍNUA NAKBA

 Passaram 77 anos desde que a ONU aprovou a criação do estado de Israel que começou sua história massacrando milhares de homens, mulheres e crianças, e expulsando milhões de suas terras. O 15 de maio é lembrado pelos palestinos como o começo da "Nakba" (Catástrofe), que continua até hoje. Milhões de palestinos serão forçados a emigrar ou morrer pelo estado sionista para ocupar as terras, roubar recursos e criar uma plataforma militar aos EUA para dominar os povos e nações árabes.

Em meio de um holocausto não há como ter uma dupla moral, chorar pelas pessoas massacradas e seguir fazendo negócios

com seus algozes. E é isso que o governo Lula está fazendo ao não fechar a torneira do petróleo que se exporta a Israel que enche de combustível os tanques e aviões que despejam bombas sobre crianças, mulheres e homens desarmados, e atingem casas e hospitais indiscriminadamente.

As massas nunca devem apoiar genocidas. Mas, tampouco podem ficar quietas quando os governos continuam fazendo negócio com esses genocidas. Se poderia tolerar um governo dito popular e democrático que, por exemplo, em 1940 denunciasse os nazistas por massacrar os judeus; mas continuasse fazendo negócios com esses assassinos? Não! E tampouco devemos tolerar o de Lula!

Se Lula não quer romper todos os acordos e contratos entre Brasil e Israel, então temos que impor essa medida ao governo à força, com greves e manifestações, paralisando a economia e as empresas vinculadas a Israel, bloqueando o envio de petróleo para os sionistas etc. Eis como os operários poderão ajudar a por fim ao genocídio na Palestina. Não podemos ficar de braços cruzados! 

Nenhuma gota de petróleo para os genocidas! Fora Israel do Brasil! Viva a resistência do povo palestino! Pela derrota total do sionismo! Por uma Palestina livre, única e socialista, do rio ao mar!

PALESTINA

Pela derrota do sionismo e do imperialismo

UCRÂNIA

Derrota militar da OTAN e o imperialismo

Escreva para contribuir com denúncias, com matérias e com a organização sindical para correntesindicalmarxistaguillermolora@proton.me